

## **Clarice Lispector: subjetividade animal em “Uma galinha” e *A vida íntima de Laura***

Clarice Lispector: animal subjectivity in “The chicken” and “Laura’s intimate life”

**Juliano Saccomani**

The University of Georgia

juliano@uga.edu

Clarice Lispector ofrece al lector una mirada muy específica acerca de la singularidad de los animales, de su agencia bien como de su subjetividad. En el cuento “Uma galinha” y en el libro *A vida íntima de Laura*, la escritora presenta una observación singular de los temas de la ecocrítica en los años 60 y 70 en Brasil. Sin embargo, aunque Lispector ofrezca esa mirada tan innovadora acerca de los animales, el contexto donde se nos presenta es todavía un contexto en el que esos animales están abajo del humano y de su poderío.

**Palabras clave:** Ecocrítica, Clarice Lispector, subjetividad animal, perspectivismo.

Clarice Lispector, in her stories, offers a unique take on animal lives presenting the reader with a look onto their agency as well as their subjectivity. This can be perceived in the short story “Uma galinha” as well as in the book *A vida íntima de Laura*. In both of these texts, the author presents ecocritical themes that were somewhat uncommonly seen around the release of said texts in the 60s and 70s. Nonetheless, as innovative as Lispector’s take on animal subjectivity can be seen, such depiction is still framed within the context of mankind and its dominance over animals.

**Keywords:** Ecocriticism, Clarice Lispector, animal subjectivity, perspectivism.

Recibido: 02/02/2017

Aceptado: 17/07/2017

A obra de Clarice Lispector, além de variada nos temas que apresenta, também mostra-se como estando muito à frente de seu tempo dadas algumas das discussões que propõe. Um dos aspectos que indica o avanço dos escritos de Lispector pode ser observado na maneira como a escritora utiliza os animais em suas narrativas. Mais especificamente, o modo como eles são apresentados em suas obras indicam um verdadeiro posicionamento diferenciado em relação aos mesmos: os animais e os seres humanos, várias vezes, estão no mesmo patamar, não havendo diferenças hierárquicas na representação subjetiva que a autora faz dos mesmos. Salvo casos específicos e isolados na literatura brasileira anterior à autora<sup>1</sup>, é possível afirmar que Lispector foi uma das primeiras escritoras de grande alcance no cenário literário brasileiro que trouxe os questionamentos acerca da subjetividade dos animais em suas obras bem como de sua relação com os humanos. Considerado esse aspecto de sua produção literária, Clarice Lispector mostra-se como uma grande fonte para os estudos ecocríticos relacionados à subjetividade dos animais visto que escreve e cria suas personagens a partir de um ponto de vista que está relacionado com o *perspectivismo* tal como este é apresentado e discutido por Viveiros de Castro.

Com isso em mente, o presente artigo analisa a representação da animabilidade em um conto para adultos e em um livro infantil de Clarice Lispector - "Uma galinha" e *A vida íntima de Laura*, respectivamente. Serão apresentadas, contextualizadas e discutidas: a caracterização dos animais e a relação entre os personagens humanos e não-humanos; o posicionamento de animais como propriedade dos seres humanos; bem como a subjetividade das personagens animais dentro das narrativas. Para isso, o livro infantil *A vida íntima de Laura*, publicado em 1974, será apresentado e discutido. Outro conto que também será estudado é "Uma galinha", presente na coletânea *Laços de família*, originalmente publicada no ano de 1960. A diferença entre as histórias pode ser observada na caracterização e no posicionamento dos animais dentro das narrativas: na história infantil, a narrativa é contada principalmente a partir do ponto de vista dos próprios animais protagonistas. Ou seja, as relações que eles mantêm entre si dentro de sua sociedade animal. No conto presente na coletânea *Laços de família*, os animais estão apresentados na relação que eles têm com personagens humanos, a narrativa traz uma única galinha inserida no ambiente familiar dos seres-humanos.

A obra de Lispector é ampla e a presença de personagens animais não é incomum, veja-se o conto "O búfalo", também presente na coletânea *Laços de família*, ou então outro conto, "Macacos", que apresenta uma família que compra macacos como animais de estimação; há, além disso, o romance *A paixão segundo G. H.* (1964), no qual a protagonista reflete acerca de sua vida após um encontro surpresa com uma barata; ou ainda outros livros infantis escritos pela autora tais como *A mulher que matou os peixes* (1968) e *O mistério do coelho pensante* (1967). Pode-se perceber, com isso, que Lispector dá um significativo espaço em sua obra aos animais e às relações que o ser humano estabelece com os mesmos. No entanto, obras em que os animais têm um lugar de destaque não são exceção, visto que outros autores

---

<sup>1</sup> Por exemplo, o caso da cadela Baleia no romance *Vidas Secas* de Graciliano Ramos, de 1938

também abrem esse tipo de espaço atualmente. Contudo, é a maneira pioneira como a autora apresenta seus personagens animais o que a diferencia e a faz tão importante para os estudos ecocríticos na literatura brasileira: os escritos de Clarice Lispector, em sua generalidade, são conhecidos pelo olhar atento que a autora dá à subjetividade de suas personagens. Consequentemente, ao dar uma ênfase à presença dos animais e à sua interação com os humanos, a subjetividade desses personagens animais também ganhou espaço para ser apresentada pela autora. Talvez seja esse um dos motivos que a levou à análise de animais e suas subjetividades, o fato de serem, algumas vezes, tão desconhecidos e intrigantes dentro dos mundos nos quais habitam, assim como também o são as personagens humanas nas narrativas de Lispector e suas subjetividades.

### **A problemática da animalidade**

Apesar de não ser um tema novo nos estudos literários, a problematização da animalidade, sua subjetividade e agência são casos especialmente salientes na obra de Lispector. Em meados do século XX, a autora já tratava de temas que tornar-se-iam populares apenas mais recentemente na literatura brasileira<sup>2</sup>. Os questionamentos e indagações levantados por Lispector inserem-se em um contexto maior de ecocrítica animal que lida com a separação entre humano e não-humano, problematizando o que é realmente que justifica o domínio do primeiro sobre o último, além de questões de subjetividade e agência animais.

Giorgio Agamben, em seu livro *The Open: Man and Animal* (2004) apresenta um estudo muito abrangente em relação à diferenciação que se deu entre homens e animais ao longo da história da filosofia ocidental. As bases da biopolítica, na visão de Agamben, vêm desde tempos muito primordiais do nascimento da filosofia política ocidental com o pensamento de Aristóteles. Ao decorrer de sua análise, as diferenciações entre humanos e não humanos são provadas intrínsecas à construção dos direitos políticos e jurídicos assim como sua resignificação é apresentada como fazendo parte de um cenário no qual humanos, para perder seu status de superioridade em relação aos animais, superariam sua humanidade voltando a seu estado de animais. E a questão de superioridade está no cerne desse pensamento pois é apenas por garantir o status de superior aos humanos –negando, consequentemente, os direitos dos animais– que o homem mantém-se nessa posição de superioridade. Ou seja, a ideia de “humanidade” é uma construção aplicada ao animal *Homo*, que, quando em conjunto –animal somado à superioridade em relação às outras espécies–, cria a espécie do *homo sapiens*. A diferença entre esses dois seres está caracterizada pelo *auto-reconhecimento de superioridade* que distingue o *homo sapiens* como uma espécie que é capaz de reconhecer a si mesma como tal. O animal *Homo*, apesar de dividir características humanóides com o *homo sapiens* não é capaz de reconhecer a si mesmo como espécie (Agamben 26). A “humanidade” portanto, nesse caso, está associada ao reconhecimento de si como uma espécie. Tal reconhecimento, consequentemente leva à

---

<sup>2</sup> Com grande destaque dado à autora américo-brasileira Regina Rheda.

construção de relações de poder que garantam a superioridade dessa espécie em relação às demais. Tal superação desse construto seria a única forma capaz de igualar todos os animais de uma maneira que não houvesse tal hierarquização como a que aqui pode ser percebida.

Esse construto, então, é a parte mais significativa da diferença entre humanos e não-humanos. Para a maioria dos estudiosos, alguns dos conceitos principais que fazem parte desse construto aplicado aos homens como razões para o distanciamento entre humano e não humano são apontados por Berger em seu texto "Why look at animals?" (2009). O primeiro conceito é a linguagem:

The relation may become clearer by comparing the look of an animal with the look of another man. Between two men the two abysses are, in principle, bridged by language. Even if the encounter is hostile and no words are used, the *existence* of language allows that at least one of them, if not both mutually, is confirmed by the other. Language allows men to reckon with each other as with themselves (In the confirmation made possible by language, human ignorance and fear may also be confirmed. Whereas in animals fear is a response to signal, in men it is endemic) (Berger 5).

Para o autor, portanto, a linguagem tem um papel muito importante na diferenciação entre humanos e não-humanos visto que é por meio dela –ou mais especificamente, por ausência de uma linguagem comum entre homens e animais– que os animais se distanciam do homem<sup>3</sup>. Berger afirma que a linguagem é a responsável por possibilitar que o homem considere a existência de seus semelhantes, visto que é a 'ponte' que facilita a um humano (re)conhecer ao outro. No caso dos animais, dentro do pensamento de Descartes e do cientificismo ortodoxo, eles apenas respondem a estímulos, sem a possibilidade de que uma linguagem facilite a comunicação e a ratificação da existência de um outro. Ao dar um passo além –ou na verdade, para trás–, Berger declara que é a existência inicial de um pensamento simbólico o motivo dessa separação. Ou seja, o surgimento da linguagem foi um dos aspectos principais da humanidade acrescentada ao animal *Homo* que teve a responsabilidade de o retirar do reino animal e colocá-lo num reino separado, o reino humano<sup>4</sup>.

Voltando a Agamben, ele apresenta uma leitura de Hegel que afirma que a dualidade humana entre o corpo animal –o corpo em si, o animal com características antropomórficas– e da humanidade –representada, entre outras coisas, também pela linguagem e pelo pensamento simbólico– são parte da

---

<sup>3</sup> Note-se que a importância da linguagem não é uma ideia exclusiva de Berger. Ele está inserido em uma tradição da qual faz parte também Derrida e Viveiros de Castro, entre outros, que problematizam a questão da subjetividade associada à linguagem. Isso porque a tradição ocidental tem como base a linguagem como reflexo da subjetividade (consciência, auto-reflexão etc).

<sup>4</sup> Na taxonomia, o animal *homo sapiens* continua sendo classificado dentro do reino *metazoa*.

constante tensão dialética que afirmam o humano como tal e o diferencia dos outros animais. Ou seja, para ser considerado humano, é necessário que se domine, que se conquiste, essa animalidade presente em cada animal da espécie de *homo sapiens*. E essa dominação, essa conquista da animalidade é extrapolada a tal ponto que acaba colocando não apenas a animalidade do humano à margem de sua vivência, mas também a animalidade da natureza –os animais não-humanos– e a própria natureza em si –onde reside essa animalidade– à margem. Isto é, a essa negação da animalidade é o que faz com que o humano sinta-se hierarquicamente superior aos outros elementos da natureza, visto que ao negar seu vínculo natural e animal, consegue manter-se distanciado e invicto no reino físico. Essa questão de invencibilidade é, justamente, um dos principais aspectos discutidos e questionados pela ecocrítica. A História mostra que esse distanciamento, na verdade, foi um dos principais responsáveis não apenas pelas desigualdades sociais mas também, entre outros, de todos os problemas ambientais atuais.

Contudo, afirmar que houve uma renúncia total do ser humano à natureza é incorreto e, na verdade, impossível. Reconhece-se a ligação que temos com o mundo natural, contudo, como afirma Wilbert, "yes, we can agree, people are part of nature, but so too are these 'natures' caught up in social, technological realms at the same time" (Wilbert 44). O que o autor quer dizer é que, ainda que se reconheça a pertença do homem à natureza, a tradição ocidental vê essa pertença como parcial, ao contrário do resto do reino natural. O ser humano está presente em vários outros meios dos quais faz parte tanto quanto ao meio natural, e como o autor cita, por exemplo, há o meio social e tecnológico, além também do econômico. E esses meios não-naturais, em contrapartida, também interferem no modo como o homem se relaciona com o mundo natural. Essa multi-pertença, então, é a razão desse distanciamento visto que o único meio que o humano compartilha com o não-humano é o natural. Os outros meios: social, tecnológico e econômico não implicam uma divisão de pertencimento, senão que o ser humano reivindica superioridade em relação aos outros seres não-humanos.

Derrida, em seu livro *The animal that therefore I am* (2008) também participa da discussão com um olhar voltado para a diferença entre humano e não-humano sendo a consciência que o homem tem de si mesmo o princípio dessa diferenciação. Sua reflexão é baseada principalmente na relação que o ser humano estabelece com o reino natural ao definir-se como "eu", e consequentemente, o animal sendo "o outro". Sua análise tem um forte teor subjetivo e analítico, que toma em consideração a subjetividade humana como uma formação social da qual os animais, ainda que caracterizados como 'o outro' fazem parte.

Contudo, é o conceito que Viveiros de Castro trata como *perspectivismo* ameríndio o que parece melhor se encaixar no auxílio da compreensão dos textos de Clarice Lispector que aqui serão analisados. A visão teórica que ele apresenta, advinda da análise de costumes de povos indígenas do continente americano, coloca a definição de *humano* em uma outra perspectiva que não aquela comumente associada ao termo. Esse câmbio da perspectiva estuda esse novo posicionamento a partir da observação que os animais têm e qual o significado que eles dão àquilo que tem relação com seu viver.

É essa visão<sup>5</sup>, essa aplicação de um significado às coisas do dia-a-dia, que porta consigo o conceito de *humanidade*. Isso quer dizer que o conceito de *humano* significa estabelecer e aplicar definições e conceitos às realidades das quais fazem parte tanto os 'seres humanos' quanto os animais. Isso se dá porque tanto na realidade do animal quanto do humano há características e aspectos que são comparáveis. A mudança é a perspectiva sob a qual se analisam esses aspectos.

Para ilustrar essa ideia, o autor apresenta alguns exemplos de comparação:

Typically, in normal conditions, humans see humans as humans, animals as animals ...; however animals (predators) ... see humans as animals (as prey) to the same extent that animals (as prey) see humans ... as animals (predators). By the same token, animals ... see themselves as humans: they perceive themselves as (or become) anthropomorphic beings when they are in their own houses or villages and they experience their own habits and characteristics in the form of culture –they see their food as human food (jaguars see blood as manioc beer, vultures see the maggots in rotting meat as grilled fish, etc.), they see their bodily attributes (fur, feathers, claws, beaks etc.) as body decorations or cultural instruments, they see their social system as organized in the same way as human institutions are (with chiefs, shamans, ceremonies, exogamous moieties, etc.). This 'to see as' refers literally to percepts and not analogically to concepts, although in some cases the emphasis is placed more on the categorical rather than on the sensory aspect of the phenomenon (Viveiros de Castro 470).

Como se pode observar do excerto acima, essa mudança de perspectiva trata de um olhar, uma percepção que se mantém humanística mas que tem o ponto de vista do animal<sup>6</sup>: a bebida fermentada do ser humano é o equivalente ao sangue para alguns animais, ou então as larvas são apreciadas da mesma forma que os seres humanos apreciam um pedaço de carne bem preparado em um restaurante. O mesmo raciocínio pode ser aplicado à compreensão da percepção de atributos físicos, de vestimenta e das organizações sociais. Nesse caso, a diferenciação entre humanos e animais se deu porque esses animais deixaram de serem vistos pelos seres humanos como portadores dessa humanidade indicada por Castro. Ainda assim, a subjetividade do animal está aí representada por suas ações e por sua maneira de analisar

---

<sup>5</sup> Berger também menciona a questão da visão, observação –*look*– dos animais. No entanto, em sua análise, a linguagem ganha destaque visto que é o que permite que se compreenda o que esse olhar significa e quais suas consequências na relação entre dois seres vivos.

<sup>6</sup> É importante ressaltar que Derrida, em *The animal that therefore I am* também reconhece que os animais têm um olhar próprio sobre os humanos –percepção desencadeada ao ser observado por seu gato. Porém essa constatação o faz refletir sobre si e não mais profundamente sobre como o animal o percebe.

e compreender o que está a seu redor. É o interior do animal, encapsulado em sua forma física que define aquilo que ele é, não o contrário. Veja-se:

... the manifest form of each species is a mere envelope (a 'clothing') which conceals an internal human form, usually only visible to the eyes of the particular species or to certain trans-specific beings such as shamans. This internal form is the 'soul' or 'spirit' of the animal: an intentionality or subjectivity formally identical to human consciousness, materializable, let us say, in a human bodily schema concealed behind an animal mask (Viveiros de Castro 470-71).

Como se constata, essa cosmovisão afirma que a significação que cada espécie dá a seus atributos e características são similares àquelas que os humanos também têm sobre si mesmos. No entanto, a subjetividade humana, que a tradição ocidental afirma ser expressada por meio da linguagem, aqui é imaginada uma vez que o humano muda sua perspectiva de observação. Para isso, dois outros aspectos se mostram importantes: a questão da existência ou não dessa subjetividade, bem como a função dos 'shamans' nessas culturas ameríndias.

Primeiramente, o pesquisador afirma que "it is not always clear whether spirits or subjectivities are being attributed to each individual animal, and there are examples of cosmologies which deny consciousness to post-mythical animals" (Viveiros de Castro 471). Ou seja, a questão da presença de subjetividade não é necessariamente existente nessa teoria perspectivista visto que não é uma unanimidade entre as tribos ameríndias. No entanto, a problematização do mito original traz a ideia de que sim, no início, todos os animais possuíam essa humanidade em si. Humanidade essa que foi abandonada ao longo do tempo e com a qual apenas os seres humanos se mantiveram em contato<sup>7</sup>. É o papel do shaman o de se colocar em contato com essa animalidade e tentar entrar em contato com a subjetividade animal a fim de buscar uma compreensão melhor da realidade. Essa compreensão se dá, então, a partir de uma nova perspectiva que está baseada na *perspectiva animal*. Isso porque ao se tornar esse animal –que pode ser por meio da caracterização como o mesmo ou então imitando suas ações– o shaman passa a compreender sua subjetividade, o que oferece uma outra perspectiva e, conseqüentemente, uma nova compreensão do seu entorno.

A discussão aqui apresentada servirá como base para a discussão que segue. Há várias outras perspectivas possíveis e existentes acerca da subjetividade e agência de animais. Mas uma análise mais aprofundada seria inviável dada a extensão e o escopo do presente estudo

---

<sup>7</sup> Julgo interessante comentar a afirmação que 'os animais abandonaram sua humanidade' sendo que o reino animal pouco mudou desde o primórdio dos tempos. As mudanças ocorreram no reino dos humanos –ou foram por eles provocadas– e os humanos 'subtraíram' a humanidade dos animais.

É nesse contexto que a ecocrítica estuda os contos de Clarice Lispector: nos escritos da autora, os animais não-humanos são apresentados dentro da relação que têm com o meio humano porém dotados de subjetividades e certo grau de agência que não lhes são comumente conferidos em outros contextos. A investigação da subjetividade de suas personagens humanas é característica comum de sua escritura e o mesmo se dá com os animais, ou seja, supõe-se uma igualdade de características subjetivas entre humanos e não-humanos raramente vista, à época, fora da obra de Lispector.

## **O animal em Clarice Lispector**

Como já afirmado anteriormente, a representação do animal não-humano nas obras de Clarice Lispector merece uma atenção detalhada devido ao modo inovador do qual se utilizava a escritora para trabalhar com esses animais em suas narrativas. Uma leitura, ainda que superficial, já apresenta diferenças constantes em relação a outros autores. O tema tem sido amplamente estudado, veja-se, por exemplo, Alves (2015), Ferreira (2005), Jardim (2014), e Libanori (2013) entre outros que analisam o modo único como os animais são representados por Lispector. Os textos que aqui serão estudados mostrarão a relação íntima que a construção dessas personagens não humanas tem com o *perspectivismo* apresentado por Viveiros de Castro. Ou seja, notar-se-á o modo como as narrativas colocarão o ser não-humano em um papel que seria esperado do humano. Apesar disso, ainda que inovador para uma representação de animais, poder-se-á notar que essa representação segue contida em um contexto dentro do qual há a inquestionável superioridade do ser humano sobre o animal. O propósito da presente seção é, portanto, apresentar uma análise detalhada de como essa visão da autora pode ser percebida em seus textos. O primeiro dos quais será o conto “Uma galinha”, presente no livro *Laços de família*, originalmente publicado em 1960.

“Uma galinha” é o terceiro conto da coleção *Laços de família* e traz como personagem principal, como já indica o título, uma galinha. A narrativa começa deixando estabelecida a propriedade que o ser humano tem sobre o animal. Afirma-se que “Era uma galinha de domingo. Ainda viva porque não passava de nove horas da manhã” (Lispector, *Laços* 30). A localização temporal, domingo, nove horas da manhã é muito significativa pois esse é o único motivo da galinha estar viva: ainda é muito cedo para que se comece a preparar o almoço. Sua localização espacial também está subjugada à decisão do ser humano: o motivo de ela estar na cozinha é a facilidade que a cozinheira teria para começar a prepará-la para o almoço quando chegasse a hora de fazê-lo. Essas duas primeiras frases do conto já estabelecem as dinâmicas presentes: o animal é visto como propriedade do humano pois serve como alimento. Esse animal não tem outra serventia, apenas a de nutrição. E, conseqüentemente, seu valor apenas surge quando está morta, não viva. A percepção que o ser humano dá ao ser não humano desse conto é a percepção de presa, nada mais. O narrador continua a caracterizar o modo instrumental como a galinha era tratada pelos membros da família “... ninguém olhava para ela. Mesmo quando a escolheram, apalpando sua intimidade com indiferença, não souberam dizer se era gorda ou magra” (Lispector, *Laços* 30) A caracterização é



clara: a única função da galinha junto aos seres humanos da família é a de fonte nutritiva<sup>8</sup>.

No entanto, quando a galinha alça vôo, a ação do conto dá uma guinada pois, ao voar, a galinha alcança o telhado de uma casa vizinha. A partir desse momento, Clarice Lispector já começa a ressignificar a posição subalterna e passiva da galinha. Isso porque esse simples fato de alçar vôo e parar sobre o telhado da casa vizinha desencadeia ações não antecipadas pelos humanos detentores da situação até esse momento: seu dono, "lembrando-se da dupla necessidade de fazer esporadicamente algum esporte e de almoçar" sai em busca da galinha por cima das casas do quarteirão (Lispector, *Laços* 30). Ainda durante essa caçada, o narrador continua a dar significado aos papéis desempenhados pelos dois personagens: a galinha e seu perseguidor. O homem é descrito como um "caçador adormecido", que, ainda que seja um papel orgânico no mundo animal, ganha seu papel social quando soa um grito ao capturá-la. O papel do homem foi desde seu lugar natural como animal predador até seu papel social, o membro da tribo que soa um grito e avisa os outros integrantes que conseguiu o alimento.

A galinha, no entanto, é descrita pelo narrador como um animal que apenas serve como presa, sem características de autonomia de sobrevivência, que não contava com "nenhum auxílio da sua raça" para tal. Ademais, ao contrário do homem animal social, a galinha "estava sozinha no mundo, sem pai nem mãe". Sua descrição é apenas de um animal sem subjetividade alguma, seu escape é instintivo. Durante a narração se faz a seguinte pergunta de "que é que havia nas suas vísceras que fazia dela um ser?". Esse questionamento, assim como o comentário anterior de que ela não tinha pai nem mãe são indicações iniciais de uma percepção –ou da busca– de uma humanidade presente no ser da galinha. Ou seja, o narrador está começando a perceber na galinha elementos de humanidade, esse elemento que é mais do que vísceras que faz de nós 'seres': uma sugestão inicial seria a família, pois, ao não ter pai nem mãe, a galinha é apenas um ser como tantas outras galinhas sem história nem subjetividade. Como será observado em breve, ter uma família é um dos diferenciais de *Laura* –a galinha protagonista da história infantil–, cuja humanidade é apresentada ao leitor.

Ao ser capturada e trazida de volta à cozinha, a galinha bota um ovo e é a partir desse momento que o modo como ela é tida pelos membros da família muda drasticamente:

Foi então que aconteceu. De pura afobação a galinha pôs um ovo. ... Só a menina estava perto e assistiu a tudo estarecida. Mal porém conseguiu desvencilhar-se do acontecimento, despregou-se do chão e saiu aos gritos: –Mamãe, mamãe, não mate mais a galinha, ela pôs um ovo! ela quer o nosso bem!

---

<sup>8</sup> Note-se que esse mesmo tipo de caracterização das galinhas como fonte de nutrição dos seres humanos já havia aparecido antes nas narrativas de Lispector. Há uma situação muito similar, por exemplo, já nas linhas iniciais de "Perto do coração selvagem", seu romance de estreia, em 1943.

Todos correram de novo à cozinha e rodearam mudos a jovem parturiente. ... O pai, a mãe e a filha olhavam já há algum tempo, sem propriamente pensamento qualquer. Nunca ninguém acariciou uma cabeça de galinha. O pai afinal decidiu-se com certa brusquidão:

–Se você mandar matar esta galinha nunca mais comerei galinha na minha vida!

–Eu também! jurou a menina com ardor.

A mãe, cansada, deu de ombros (Lispector, *Laços* 31-2).

É relevante o fato de ser a menina a pessoa que estava junto da galinha quando ela botou o ovo. Primeiramente, como uma criança, pode-se afirmar que ela ainda não foi iniciada nessa divisão cultural que se faz entre seres humanos e animais –o que prova ser essa associação do animal unicamente como fonte de nutrição não uma associação inata senão que construída socialmente. A proximidade da menina à galinha também é relevante visto que essa proximidade, mais do que uma localização física, pode também ser compreendida como uma proximidade metafórica, um acercamento ao animal. A menina também “assiste” à galinha, reconhecendo-a como ser por meio do olhar, da visão. Quando a menina diz que a galinha quer o bem da família porque ela botou um ovo, é a criança quem dá significado ao ato e, com isso, estende a humanidade do ato à galinha. A menina atua como o *shaman* das culturas ameríndias estudadas por Viveiros de Castro. O *shaman*, porém, tem que aprender seu ofício com outros membros. A criança tem o ‘dom natural’ de se colocar no papel alheio.

Os humanos apenas respeitam a galinha como ser vivo a partir do momento em que ela bota um ovo. Até então ela era vista como a refeição daquele dia. Vale ressaltar que os membros da família não expressam um valor subjetivo ao ovo que ela botou ou à própria galinha. É o narrador, ao utilizar a palavra ‘parturiente’ que oferece ao leitor a associação com o ser humano e com a ideia de maternidade, incorporando essa perspectiva humana à galinha. Os personagens, apesar de não expressarem diretamente esse sentimento, deixam claro que algo na percepção deles mudou ao negarem-se firmemente a comer a galinha, ainda que, até aquele momento nunca tivessem acariciado uma. Novamente, é o narrador que associa o ato de acariciar com o reconhecimento de outro ser, bem como com um ato responsável por afirmar esse reconhecimento e por garantir a humanidade de um ser que aprecia afagos. O ato de acariciar um outro ser representa uma ligação, uma conexão, entre dois seres e suas humanidades<sup>9</sup>. Ao reconhecerem que uma galinha apreciaria carícias em sua cabeça, os seres humanos transferem sua humanidade, percebida pelo apreço ao afago, à mesma sensação que esperam que a galinha sinta.

No entanto, essa percepção que eles têm dura pouco tempo pois, como afirma o narrador “até que um dia mataram-na, comeram-na e passaram-se

---

<sup>9</sup> Note-se, por exemplo, as carícias entre seres humanos e outros seres humanos –pais e filho, ou então entre amantes. Mas também entre seres humanos e animais domésticos, tais como cães e gatos, que, ao terem nome próprio, já percebe-se a humanidade que se dá aos mesmos.

anos" (Lispector 33). A afirmação de que 'passaram-se anos' tem certa relevância pois traz a ideia de continuidade e repetição: de que essa foi apenas uma dentre outras galinhas e que os humanos continuaram com suas vidas e os anos nela contidos sem nem lembrarem-se dessa galinha. Anteriormente no texto, o narrador já havia mencionado que esse fato era, na verdade, uma de suas vantagens: a de ser apenas mais uma dentre outras tantas. Ou seja, ao final do texto, a visão que impera é a mesma do início do texto: a galinha é apenas mais uma galinha que serve como fonte de nutrientes para o ser humano. O texto justifica-se pelo câmbio temporário dessa visão que é desencadeado pelo vôo inesperado bem como o significado dado pela menina ao ato de botar um ovo.

Nesse conto, há, então, duas representações diferentes da subjetividade animal: a visão dos seres humanos sobre a galinha, já discutida, que vai de uma fonte nutritiva para um breve momento de conscientização da *humanidade* dessa galinha que, no entanto, não dura muito, e a caracterização que o narrador faz da subjetividade desse mesmo animal.

O narrador construído por Clarice Lispector oferece uma descrição da galinha que apresenta semelhanças com o *perspectivismo* apresentado por Viveiros de Castro. Uma importante característica que justifica esse posicionamento é, também, a colocação da galinha na posição de presa –que Viveiros de Castro afirma ser um dos requisitos importantes para o real *perspectivismo*. Não apenas a galinha está fugindo de ser caçada, mas o narrador afirma que o rapaz que a caça era um 'caçador adormecido', o que clarifica a relação hierárquica entre os dois seres.

A subjetividade da galinha é, então trabalhada mais a fundo pelo narrador. Primeiramente a galinha é vista como um ser parvo. Expressões tais como "nunca se adivinharia nela um anseio", "estúpida", "não era nem suave nem arisca, nem alegre, nem triste, não era nada, era uma galinha", "inconsciente da vida que lhe fora entregue", "suas duas capacidades: a de apatia e a do sobressalto" servem para caracterizar essa galinha como possuidora de capacidades intelectuais inferiores às dos seres humanos. No entanto, isso não significa que ela fosse totalmente vazia de tal. Há uma subjetividade menos profunda do que aquela geralmente associada com a ideia de humanidade mas ela está, sim, presente no texto de Lispector.

Durante o momento da fuga, a perspectiva que se tem da galinha passa essa subjetividade simples. Essa caracterização se dá por expressões tais como "hesitante e trêmula, escolhia com urgência outro rumo", "a galinha tinha que decidir por si mesma os caminhos a tomar, sem nenhum auxílio de sua raça", "sozinha no mundo, sem pai nem mãe, ela corria, arfava, muda, concentrada". Na breve caracterização, a subjetividade e a humanidade que associamos com conceitos humanos tais como *estratégia, associações raciais e sociais, família, concentração*, são apresentadas pelo narrador. Ao fazê-lo, o narrador apresenta a perspectiva da galinha como algo que não se esperaria de sua espécie do ponto de vista da perspectiva antropocêntrica. Pode-se notar nessa breve caracterização de sua subjetividade algo que não é recorrente, senão que algumas poucas vezes se passa com a galinha. Isso pode ser justificado pelas seguintes palavras do narrador:

Uma vez ou outra, sempre mais raramente, lembrava de novo a galinha que se recortara contra o ar à beira do telhado, prestes a anunciar. Nesses momentos enchia os pulmões com o ar impuro da cozinha e, se fosse dado às fêmeas cantar, ela não cantaria mas ficaria muito mais contente. Embora nem nesses instantes a expressão de sua vazia cabeça se alterasse. Na fuga, no descanso, quando deu à luz ou bicando milho –era uma cabeça de galinha, a mesma que fora desenhada no começo dos séculos (Lispector, *Laços* 32-3).

A subjetividade da galinha está representada como algo passageiro, do qual ela apenas às vezes se dava conta. Sua humanidade não é constante, tampouco profunda como a dos seres humanos, mas existe. O narrador, no entanto, muito ironicamente, ao final, antes de declarar o fim da galinha, volta a contextualizá-la na história da humanidade, colocando-a na posição de “apenas uma galinha”. Essa generalização também está indicada no título do texto. Ao escolher a utilização do artigo indefinido *uma* ao invés do artigo definido *a*, fica entendido que a autora escreveu o acontecimento único na vida de uma galinha que é como tantas outras. Uma galinha que, por mais que apresente esse leve grau de subjetividade e agência –visto de sua fuga e de sua escolha da rota para fugir– acaba sendo a mesma galinha que já havia sido ‘desenhada no começo da humanidade’ e que acaba não tendo outra função do que a de servir como fonte nutritiva para o ser humano. E aqui é notória a ironia clássica dos narradores de Lispector: um narrador que conjuga essa existência de consumo, como é a das galinhas ‘desde o começo dos tempos’, com essa galinha do conto, que tem a sua “humanidade” sugerida e apresentada ao leitor, deixando para esse leitor a tarefa de questionar essa categorização e também a própria subjetividade das galinhas.

Por esse motivo, tão importante quanto analisar o texto em si, é também analisar o público ao qual se dirige o texto: o leitor típico das narrativas de Clarice Lispector é um leitor adulto, já completamente inserido na cultura da distanciação entre seres humanos e animais. Pode-se afirmar que é um leitor mais próximo aos personagens adultos do conto do que da personagem infantil. O narrador é quem faz essa mediação entre a visão da criança e dos adultos: a criança consegue perceber e atribuir uma humanidade à galinha, os adultos não. O narrador está na metade do caminho, pois, ao mesmo tempo em que inicia e termina o texto colocando o animal em um plano inferior ao do ser humano, também apresenta indícios de discussão acerca dessa animalidade e humanidade no ser da galinha.

Diferente é o caso do livro *A vida íntima de Laura*, publicado em 1974 e destinado ao público infantil. Laura, uma galinha, é a personagem principal do livro que conta sobre sua ‘vida íntima’. A diferença entre esse texto e o conto “Uma galinha” já se inicia na construção das personagens principais: enquanto a galinha do conto presente em *Laços de família* é apenas uma galinha, caracterizada por um artigo indefinido, a galinha d’*A vida íntima de Laura* tem nome próprio, Laura. E mais, “é casada com um galo chamado Luís. Luís gosta muito de Laura, embora às vezes brigue com ela. Mas briguinha

à toa" (Lispector, *A vida íntima...* 4). Essa caracterização inicial já apresenta Laura em um nível de subjetividade mais profundo do que aquele da galinha presente no conto anterior visto que a galinha agora tem família, sentimentos e até discussões. Mais do que isso, como apresentado desde o título do livro, a perspectiva apresentada será da galinha e de sua vida íntima. Ao passo que no conto anterior a galinha estava inserida em um contexto humano já no dia de seu suposto abate, Laura terá sua 'vida íntima' apresentada ao leitor, o que significa um período maior de tempo, com possibilidades de um olhar mais aprofundado sobre seu ser, sua vida.

Ainda que o leitor ter a possibilidade de observar melhor a subjetividade de Laura, ela também é propriedade de um ser humano, Dona Luísa, visto que vive em seu quintal com outras aves. Por estar em um contexto mais social, as relações entre as galinhas são mostradas também ao leitor: Laura é casada com Luís e convive bem com as outras galinhas. É importante frisar o foco que se dá à questão da sociabilidade das galinhas e às relações de familiaridade e cumplicidade que estabelecem: o fato da galinha ser casada e ter amigas íntimas. Em certo momento da história contada, Laura é levada para outro terreno com a finalidade de ciscar e a narradora então diz: "foi assim que Laura se viu entre galinhas desconhecidas e sem Luís. Depois tudo foi melhorando porque ela começou a arranjar amigas entre as galinhas e botou grande quantidade de ovos" (Lispector, *A vida íntima...* 11) Essa descrição de amizade que a narradora oferece é a leitura antropocêntrica que ela faz da sensação de *estranhamento* que os seres humanos e animais têm quando em um contexto diferente daquele com o qual estão acostumados. No entanto é uma explicação que parte da perspectiva da galinha e de como ela se sentia nesse novo ambiente até acostumar-se com ele. O narrador se posiciona de modo a evidenciar a humanidade que existe na galinha, utilizando termos e associações com as quais o ser humano está acostumado: matrimônio, estranhamento, amizades etc.

Nessa narrativa há também a caracterização da subjetividade intelectual de Laura:

Outra verdade: Laura é bastante burra. Tem gente que acha ela burríssima, mas isto também é exagero: quem conhece bem Laura é que sabe que Laura tem seus pensamentos e sentimentozinhos. Não muitos, mas que tem, tem. Só porque sabe que não é completamente burra ela fica toda prosa e boba. Ela pensa que pensa" (Lispector, *A vida íntima...* 6)

Essa caracterização da subjetividade e da agência da galinha está bastante similar àquela da galinha do conto anterior: ambas têm pensamentos ativos, porém não muitos. São dotadas de fracas capacidades intelectuais mas que se demonstram suficientes e, mais importante, existentes. Apenas, sim, inferiores àquelas das quais é capaz a mente do ser humano. Isso não quer dizer, porém, que as galinhas não sejam tratadas de modos diferentes nos dois textos. No presente texto, a humanidade da galinha e sua relação com o seu ambiente estão no foco da narrativa, como mencionado anteriormente.

O tema do carinho e do afago nas galinhas, como já discutido, também está presente nessa narrativa, porém da perspectiva de Laura:

Laura quase não deixa gente nenhuma fazer carinho nela. Porque tem um medo danado das pessoas. Se alguém chega perto dela, sem ser para dar milho, ela foge com grande barulheira, cacarejando feito uma doida. Ela cacareja assim: não me matem! Não me matem! (Lispector, *A vida íntima..* 7).

Ao passo que no conto anterior o ser humano nunca havia se dado o trabalho de oferecer carinho a uma galinha, nesse conto a galinha não aceita esse carinho por saber de sua posição de presa. Esse posicionamento da galinha como presa, de acordo com Viveiros de Castro, justifica esse olhar perspectivado do animal, justifica seu medo e sua correria. Há, também, a 'tradução' de seus cacarejos de medo, uma vez que, consciente de sua fragilidade na relação com o ser humano, ela adquire agência e demonstra seu medo por seus cacarejos de "não me matem!".

A galinha também torna-se mãe de um pinto de nome Hermany. E o sentimento de maternidade apossa-se dela quando alimenta seu filho e ensina-o, depois, a buscar sua própria comida. A subjetividade animal novamente está presente na narração por meio do anúncio da 'gravidez' para Luís, o pai; também pelo sentimento de maternidade e a proteção que a nova mãe oferece a seu filho. Todos esses acontecimentos são facilmente reconhecíveis pelos leitores de Lispector, visto que são comumente encontrados na espécie humana. Esse é um novo passo na perspectiva de observação da subjetividade animal visto que, assim como nos humanos, o sentimento de maternidade é facilmente observável no mundo animal. Porém, pelo ser humano acreditar possuir direito de propriedade sobre os animais –principalmente as galinhas– não se lhes associa o sentimento de maternidade. A retirada dessa característica das galinhas, que é o golpe que muda a percepção da família do primeiro conto acerca da galinha –é o que garante ao ser humano esse distanciamento do animal e que traz a ilusão de posse, facilitando o distanciamento e a relação apenas nutritiva com esses animais.

Do mesmo modo em que o conto anteriormente analisado, a relação nutritiva é também mencionada pelo narrador do texto. Durante a história, dois pratos gastronômicos feitos com galinha são descritos: galinha ao molho pardo e supremo de frango. E toda a maestria de Clarice Lispector pode ser observada nesse momento. Essa aproximação entre Laura, uma galinha com nome, e o público leitor foi feita ao longo de toda a narração, criando empatia do público infantil com a protagonista. Aos leitores, foi apresentada uma galinha sob uma ótica mais pessoal, humanizada e detentora de leve, porém existente subjetividade. A galinha tem um nome próprio e recebe sua *humanidade* de volta, seja por seus poucos porém existentes pensamentos, seja por seu sentimento de maternidade ou ainda por sua vivência social. No entanto, o prato de galinha ao molho pardo, requer como ingrediente o sangue da galinha recém sacrificada. O narrador não permite que seu leitor pense na ideia de comprar uma galinha já morta, fator que o distanciaria o ato de realizar a receita do sacrifício de um animal vivo. Ao contrário,

afirma que a galinha "tem que ser viva e matada em casa para aproveitar o sangue" (Lispector, *A vida íntima...* 13). Esse momento da narrativa aproxima e incentiva a reflexão sobre o distanciamento entre a galinha consumida de modo impessoal, comprada já sacrificada, e o ato do sacrifício, que traz o sujeito animal ainda vivo para junto do humano. Com isso o animal ainda é portador de sua humanidade, assim como recém apresentada no texto.

Por se tratar de um livro infantil, a galinha sacrificada não é Laura, mas sim Zeferina. Talvez por motivo de evitar um choque nas crianças leitoras desse livro, escolheu-se uma galinha até então não mencionada na história. Zeferina, a galinha escolhida, também apresenta leves traços de humanidade. Primeiramente, também tem um nome próprio, o que indica esse aspecto de possuir uma identidade, assim como Laura. Não obstante, ela era também querida para a família, afinal todos a "comeram, embora com pena"<sup>10</sup>. Um dos motivos de Laura ser poupada é o de que ela botava muitos ovos, apesar de a cozinheira julgar que seu momento também já havia chegado. E aqui, ressalta-se o modo como essas alusões são deixadas no texto com o intuito de indicar ao leitor que Laura teria um fim muito similar ao de Zeferina, sem que o narrador tivesse que mencionar de fato o que aconteceu. A dominação do ser humano sobre as galinhas é soberana e impera. Não importa a subjetividade animal à qual o leitor foi exposto ao longo de todo o texto. O que impera é o fato de que as galinhas estão inseridas em um contexto no qual servem principalmente como fonte nutritiva, seja por si mesmas, como Zeferina, seja pelo seu subproduto, como os ovos que Laura botava tão prolificamente.

Reitera essa posição inferior da galinha o fato de seu ser físico e sua subjetividade serem associados sempre como inferiores àqueles do ser humano:

Eu sei que você nunca viu Laura. Mas se você já viu uma galinha meio marrom, meio ruiva, e de pescoço muito feio é como se você estivesse vendo Laura. Vai sempre existir uma galinha como Laura ... .  
Pena que Laura não goste de pessoa alguma. Ela quase nunca tem sentimentos, como eu disse. Na maioria das vezes tem o mesmo sentimento que deve ter uma caixa de sapatos (Lispector, *A vida íntima...* 8).

A comunalidade da galinha, ainda que a galinha específica dessa história seja apresentada mais subjetivamente, impera. A galinha, apesar de ter sentimentos e pensamentos –ainda que poucos– continua sendo uma galinha comum, como qualquer outra. Essa massificação por parte do ser humano retira sua *humanidade*, sua personalidade, mais uma vez facilitando o distanciamento e consequente domínio do ser animal.

---

<sup>10</sup> Que também pode ser um indicativo de respeito, visto que na perspectiva ameríndia, comer um animal, ainda que com pena, garante o reconhecimento de seu valor, ao contrário de um animal comprado no mercado e sobre o qual não se pensa.

Todavia, o público leitor, mais uma vez tem um papel fundamental no modo como a história é desenvolvida. Lispector, muito certamente, fez as escolhas narrativas de acordo com o público que tinha em mente para esse livro: as crianças. O fato único de se tratar de um público infantil seguramente ditou algumas escolhas: por exemplo, a linguagem e a humanização das personagens, que desde o início já apresentavam um nível de humanidade incomum para textos adultos<sup>11</sup>. Desde o início do texto, aceitou-se Laura como uma personagem dotada de subjetividade e *humanidade*, características facilmente aceitas pelo público infantil. Outro aspecto relevante a se notar foi a escolha da galinha que seria sacrificada ao longo do texto. Zeferina não é mencionada até o momento em que se necessita de um animal para realizar a receita de galinha ao molho pardo. A escolha evita a empatia total dos leitores mirins com o animal sacrificado, ao mesmo tempo que deixa indícios de que, assim como Laura, Zeferina também era portadora de *humanidade* e subjetividades, visto que também tinha um nome próprio e também era bem-quista pela família. Ou seja, a problemática foi botada para as crianças de um modo indireto porém eficaz: não foi criado o trauma em relação a Laura, sua família e seu triste fim. Ao contrário, apresentou-se sua vida íntima, para então, utilizar-se de um outro animal que, por ser tão galinha quanto Laura, teve um fim que inevitavelmente também teria a protagonista.

### **Considerações finais**

Ou seja, como pôde ser notado em ambos os textos analisados, a subjetividade animal é um tema abordado por Clarice Lispector. Em seus escritos, os animais são portadores de certa subjetividade e agência. Nos dois textos aqui analisados, o exemplo específico da galinha aponta não apenas para um aprofundamento do tema realizado pela autora, mas também uma maior caracterização e uma melhor consideração do assunto. Talvez o fato de o segundo texto, mais detalhado em sua apresentação da subjetividade da galinha, ter sido escrito em forma de uma história infantil, facilitasse essa análise da relação do animal de uma forma menos séria em uma época em que isso pouco se fazia. Contudo essa hipótese requer um estudo mais aprofundado para ser considerada.

Fato é que, apesar de sua inovação no tratamento dos sujeitos principais de seus textos, animais que apresentam certo grau de subjetividade e agência, Clarice Lispector não criou um universo separado do universo em que estava inserido, um universo no qual galinhas são vistas como fonte de nutrição para o ser humano. E, ao final, é isso que pode ser percebido: não importa a percepção que se tenha dos animais, sejam apenas seres que servem de alimento para o ser humano, seja como seres dotados de *humanidade*, o fato é que a superioridade do homem impera, pois não há conhecimento e consideração da humanidade do animal que supere o delicioso sabor de uma galinha ao molho pardo.

---

<sup>11</sup> Note-se, por exemplo, como é comum a antropomorfização de animais –o que os dota de *humanidade* como aqui discutida –em textos associados ao universo infantil, tais como fábulas e contos de fadas.



## Trabalhos citados

- Agamben, Giorgio. *The Open: Man and Animal*. Stanford, CA: Stanford UP, 2004. Print.
- Alves, Georgia. "Por Que Olhar Os Animais? Clarice Lispector, Selvageria E Amor". *Intermíose* IV.07 (2015): 85-101. Print.
- Berger, John. "Introduction". *Why Look at Animals?" About Looking*. London: Penguin, 2009. 3-28. Print.
- Derrida, Jacques, and Marie-Louise Mallet. *The Animal That Therefore I Am*. New York: Fordham UP, 2008. Print.
- Ferreira, Ermelinda. "Metáfora Animal: A Representação Do Outro Na Literatura". *Estudos De Literatura Brasileira Contemporânea* 26 (2005): 119-35. Print.
- Lispector, Clarice. "Uma Galinha". *Laços De Família*. Rio De Janeiro: Rocco, 1998. 30-33. Print.
- Lispector, Clarice. *A Vida Íntima De Laura*. Estado Do Paraná: Secretaria De Estado Da Educação, n.d. Secretaria Do Estado Da Educação. Web. 05 Dec. 2016. <[http://portugues.seed.pr.gov.br/arquivos/File/ClariceLispector\(1\).pdf](http://portugues.seed.pr.gov.br/arquivos/File/ClariceLispector(1).pdf)>.
- Jardim, Maiara Usai, and Evely Vânia Libanori. "Os Animais Não Humanos Em Perto Do Coração Selvagem De Clarice Lispector". *Revista Rascunhos Culturais* 5.9 (2014): 113-26. Print.
- Libanori, Evely Vânia, and Maiara Usai Jardim. "A Representação Animal Em Clarice Lispector". *Congresso Nacional De Linguagens Em Interação Múltiplos Olhares IV* (2013): 1-10. Print. ISSN: 1981-8211

